

RELATÓRIO ÁREA INDÍGENA URUBU BRANCO

V - SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

5.1 - Relação de Ocupantes Não Índios dentro da A.I. Eltoita.

- 1 - FRENOVA S/A - Fazenda Reunidas Nova Amazônia Área: 6.815 ha.
- 2 - FRENOVA Agropecuária Ltda - Área: 5.600 ha.
- 3 - Sociedade Agrícola LUCRIAN LTDA - Área: 6.004 ha.
- 4 - Pires do Rio - OCB - Ferro e Aço Ltda - Área: 33.560 Ha.
- 5 - Sobloco Construtora S/A - Área: 798 Ha.
- 6 - Agro Pastoral Campo Verde S/A - Área: 2.275 Ha
- 7 - SOBEBRA - Companhia de Desenvolvimento do Brasil Central S/A - Área: 2.699 Ha.
- 8 - João Teixeira Posses - Área: 10.000 Ha.
- 9 - Pires do Rio - OCB - Ferro e Aço Ltda - Área: 1.000 Ha.
- 10 - Sobloco Construtora S/A - Área: 5.572,12 Ha.
- 11 - FRENOVA - Fazendas Reunidas Nova Amazônia Área: 6.074,88 Ha.
- 12 - FRENOVA S/A - Fazendas Reunidas Nova Amazônia Área: 4.531 ha.
- 13 - Área de 3.873 Ha - expropriada em favor do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, para Ação de Desejável Propriedade de interesse social.
- 14 - FRENOVA S/A - Fazendas Reunidas Nova Amazônia Área: 3.104 Ha.
- 15 - José Augusto Leite de Medeiros - Área: 6.344 Ha.
- 16 - Carlos Alves de Seixas - Área: 2.053 Ha.
- 17 - Bento Ary Aparecido Bellentoni, e Carlos Roberto Tarallo Rodrigues.
 - a) Área: 3.372 Ha.
 - b) Área: 3.628 Ha
 - c) Área: 367 Ha.
- 18 - Geofoto S/A - Área: 8.393 Ha
- 19 - João Teixeira Posses - Área: 18.031 Ha.
- 20 - Área de 20.110 Ha.
 - a) José Lins dos Santos - Fazenda Bacaba.
 - b) João Alves de Oliveira - Fazenda Estrela

- c) Rui Pereira Artiaga e Natan Pereira
Artiaga - Faz. Costa Artiaga.
- d) Josafé Alves da Fonseca.
- e) Ronaldo Rezende Jordão
- f) Jovercino Florêncio Batista
- g) Cláudio Gabriel da Silva
João Francisco Vilela da Silva.
Juari Vilela da Silva.
Jair Vilela da Silva - Fazenda Baixa Verde.
- h) Francisco Ferado da Silva.
- i) Rubens Lino de Souza.
- j) Osvaldo Maciel.
- k) Ataíde Gonçalves Cunha.

5.2 - ATIVIDADE DESENVOLVIDA PELOS ÍNDIOS DENTRO DA A.I. ELEITA
E TEMPO DE OCUPAÇÃO.

Desde o início do século tem relatos de índios Tapirapé dentro da Área Indígena Eleita. Somente por volta de 1970 o último grupo saiu da região e veio juntar-se aos outros na A.I. Tapirapé/Karajá.

Os Tapirapé pelo menos duas vezes em cada ano vão à Região do Urubu Branco em trabalhos de coleta, caça e pesca. As fazendas que ali se formaram sempre reconheceram o direito desse grupo em suas andanças pela região.

5.3 - ELABORAÇÃO DE HISTÓRICO DE CONFLITOS ENTRE ÍNDIOS e SOCIEDADE ENVOLVENTE.

5.4 - MENÇÃO À EXISTÊNCIA DE PROJETOS GOVERNAMENTAIS NA A.I. ELEITA OU SUA PROXIMIDADE.

- 1 - Uma área de 52.961,9879 Ha dada como garantia Hipotecária no Banco Nacional de Desenvolvimento Social - BNDES, em 16/12/82, no financiamento de custeio e investimento agrícola, comprometendo à liquidar com a última parcela em 31/12/93.

O contato foi firmado entre o BNDES e a Destilaria Gameleira S/A. Esta área compreende terras da

antiga SAPEVA S/A - Agropecuária Vale do Araguaia que atualmente corresponde aos números 1,2,3,4 do item 5.1 - Relação de Ocupantes Não Índios.

- 2 - Uma área de 8.404 ha, dada como garantia Hipotecária ao Banco Nacional de Desenvolvimento Social - BNDES, em 17/01/93, de financiamento de custeio e investimento agrícola.

O contrato foi firmado entre o BNDES e a Destilaria Gamoleira S/A.

Esta Área compreende terras da antiga SAPEVA S/A - Agropecuária Vale do Araguaia que atualmente corresponde aos números 12 e 13 do item 5.1 - Relação de Ocupantes Não Índios.

- 3 - Uma área de 3.372 ha, dada como garantia Hipotecária ao Banco Antônio de Queiroz S/A, em 08/05/86. Em 22/12/88 a Agropecuária Santa Laura Ltda, deu em pagamento a totalidade do imóvel ao referido Banco. Em 30/10/91 o Banco vendeu para os Senhores BENTO ARY APARECIDO BELLENTANI e CARLOS ROBERTO TARALLO RODRIGUES. Corresponde ao nº 17, letra a, do item 5.1 - Relação de Ocupantes Não Índios.

- 4 - Uma área de 3.628 ha, dada como garantia Hipotecária ao Banco Antônio de Queiroz S/A, em 08/05/86. A Agropecuária Santa Laura Ltda, deu em pagamento a totalidade do imóvel ao referido Banco. Em 30/10/91 o Banco vendeu para os Senhores BENTO ARY APARECIDO BELLENTANI e CARLOS ROBERTO TARALLO RODRIGUES. Corresponde ao nº 17, letra b, do item 5.1 - Relação de Ocupantes não Índios.

- 5 - Uma área de 367 ha, dada como garantia Hipotecária ao Banco Antônio de Queiroz S/A, em 03/04/87. A Agropecuária Santa Laura Ltda, deu em pagamento a totalidade do imóvel ao referido Banco. Em 30/10/91 o Banco vendeu para os Senhores BENTO ARY APARECIDO BELLENTANI e CARLOS ROBERTO TARALLO RODRIGUES. Corresponde ao nº 17, letra c, do item 5.1 - Relação de Ocupantes Não Índios.

Obs: As informações do item 5.4, foram obtidas em levantamento cartorial efetuado no Cartório de 1º Ofício de São Félix do Araguaia-MT. A complementação desse item, poderá ser obtida no levantamento realizado em Barra do Garças-MT pela FUNAI/Cuiabá/DEF.

São Félix do Araguaia-MT, 23.02.94.

Eng.º Agri. *[Assinatura]*
Regemildo H. de Amorim
Mestrando S.F.

Nº 02 '94 15:36

140 P01

FUNAI-ADRA S. FELIX

055-065-522-1155

MINISTERIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
RADIOTELEGRAMA RECEBIDO

DE PINTAPE NR 04 PLS 50 DT 24:02:94 HS 14:00

RECEBIDO PINTAPE 24:02:94 AS 17:00 POR EJA/EOL

ADM/ADRA

REG. ARAGUAIA
OPERAÇÕES
[Handwritten Signature]
OPERADOR

CONTROLE Nº 16897

012/PINTAPE DE 24:02:94 INFO VS4 VG ESTEVE NESTA AREA OS PROPRIETARIOS DE
TERRAS DA AREA DO URUBU BRANCO ONDE FIZERAM REUNIAO NA ALDEIA TAPIRATÉ E/
FICANDO OS MESMOS PROPRIETARIOS ET LIDERANÇAS TAPIRATÉ SE DESLOCARAM PARA /
CUIABA ET BRASILLIA ANTES DA ENTREGA DO RELATORIO DO ANTROPOLOGO ANDRÉ TORAL
PT SDS EDVALDO OLIVEIRA LACERDA - CH. TAPIRATÉ

Repassado AO DAS/BSG
Atmôves REG Nº 055/
1AORA em:
25-02-94

Ilma Percin dos Santos
Assistente Intermidiária
Port. Nº 052/92 de 20/01/92

FA VISUALIZAR AS DISTANCIAS CONSTANTES NO MAPA. NESTE
 MOMENTO, FOI PROPOSTO PELA SE ADMINISTRADORA QUE AS PARTES
 INTERESSADAS, DISCUTISSEM A MELHOR FORMA DE SE RESOLVER
 A QUESTAO. FOI ENTAO SUGERIDO PELA LACIOTE TAPIKANE,
 DADO, DA ALDEIA TAPIKANE, VALDENAR TAPIKANE, UMA IDA
 ATÉ A REQUIA, PARA SEER PERCORRIDO A PÉ, A DISTANCIA
 ENTRE A ALDEIA TAPIKANE E O FACENDON DE DE CONALON
 JORDAN, ÚLTIMO OUBANTE DO SUL ENTRA OS FACENDOS DE
 QUELA AREA. EM SEGUIA FOI DADO A PALAVRA AO INDIO
 TIBO QUE FALOU EM TAPIKANE. AO TÉRMINO O INDIO JOSÉ RUI
 TRADUZIU PARA O PORTUGUES, EM TRADUÇAO LIVRE, DISSE QUE
 O INDIO GANDIÃO CONTOU A HISTORIA DE SEU PAI, QUE ANTES
 TINHA DOMINIO DE TODA A REQUIA, O QUE INCLUI UM POUCO
 COM O NOME NANI, VILÓ GUA, LOZINHO, GRANDE PARTE
 DO MUNICIPIO DE STA TEREZINHA E PORTO ALEGRE DO NORTE
 E QUE SE PERDURAVA, POIS AGORA, SE QUESTIONAVA O DIREITO
 DO MÍNIMO INDISPENSAVEL PARA A SOBREVIVENCIA DE SEU GRUPO.
 EM SEGUIA FALOU O INDIO JOSÉ MIGUEL QUE DISSE DA IMPORTAN-
 CIA DE ENTENDIMENTO, MESMO COM AS DIFICULDADES DE TAIO-
 RIA DOS INDIOS EM ENTENDER O PORTUGUES, FALOU TAMBEM DAS
 SUAS IDAS A BRASILIA REIVINDICANDO A AREA INDIGENA URUSU
 BRANCO, ISSO AO TEMPO EM QUE SEU PAI ERA UTAIHO, PERMANE-
 CENDO SER ESTA, UMA REIVINDICACAO ANTIGA. EM SEGUIA TOMOU
 A PALAVRA O INDIO DOMINGOS TAPIKANE, UTAIOTE DA ALDEIA
 TAPIKANE, PEDINDO AOS CIRCUNSTANTES QUE NAO SE PERDURAS-
 SEM TANTO ELE COMO SUA UTONIDADE, NAO TEM INTENÇAO DE SE
 UTAIOTE NINGUEM. O SE ADMINISTRADORA, ACEITOU A PROPOSTA DE
 SIGO, FEITA PELOS REPRESENTANTES INDIGENAS CONSULTANDO IMEDI-

137 P01
 MAR 02 '94

participantes na reunião. Quisimo Dull
Reginaldo Honorato de Amorim - Adm. Reg. Bragança
EM TEMPO, CONFORME O DISCURSO E ARGUMENTAÇÃO EM
PLENÁRIA PELOS PROPRIETÁRIOS NÃO-ÍNDIOS, ONDE ESTA
ORITO AREA INÓBAMA "URUBU BRANCO", LE-SE ÁREA OBJETO
DA PORTARIA DO PRESIDENTE DA FUNAI, Nº 1013/93 DE
11 DE OUTUBRO DE 1993, O QUE FOI ACERTO POR TODOS.

Quisimo Dull relator Epifânio Pereira
Reginaldo Honorato de Amorim - Adm. Reg. Bragança

Luiz Luiz de Souza Epifânio Pereira
Ronaldo Regende Francis Pereira Luiz
Luiz Pereira Luiz Luiz Luiz

Luiz Luiz Luiz
Luiz Luiz Luiz
Luiz Luiz Luiz
Luiz Luiz Luiz
Luiz Luiz Luiz

Luiz Luiz Luiz
Luiz Luiz Luiz
Luiz Luiz Luiz

Luiz Luiz Luiz

TESTEMUNHA: Luiz

COMUNIDADE INDIGENA:

Luiz Luiz Luiz Luiz
Luiz Luiz Luiz Luiz
Luiz Luiz Luiz Luiz
Luiz Luiz Luiz Luiz

Sind.
canabava

RELATÓRIO DOS ACONTECIMENTOS ENVOLVENDO POSSEIROS E AS
FAZENDAS PIRAGUASSU E FRENOVA

O presente relatório é o resultado de um séria investigação a respeito dos últimos fatos acontecidos na região de Porto Alegre do Norte, MT, envolvendo as Fazendas Piraguassu e Frenova e os lavradores da região.

Durante mais de uma semana procuramos investigar todas as possíveis pistas para elucidar o desaparecimento do posseiro JOSÉ OTACILIO CAVALCANTI, conhecido por "Zé das Cachorras" e o bárbaro assassinato do trabalhador AIRTON PEREIRA XAVIER.

Encontramos em todo este processo clima de medo e terror, manifestado de todas as formas possíveis. Todas as pessoas com quem conversamos sempre nos pediam com insistência para não serem envolvidas ou identificadas. Muitos mostravam seu nervosismo no tremor das mãos e na fala. Outros, por medo, se negaram a falar. Diante deste clima comprometemo-nos com todas as pessoas que se dispuseram a falar, a não prejudica-las de forma alguma. Por isso não declinaremos os nomes das fontes, não obstante serem seguras.

1. AS FAZENDAS.

A fazenda Piraguassu pertence ao grupo japonês YANMAR - implementos agrícolas SA - dirigida por Vicente Iashida. Sua sede se localiza no distrito de Porto Alegre do Norte, Município de Luciara, MT.

A Frenova - Fazendas reunidas nova Amazonia SA - é propriedade de José Carlos Pires Carneiro, Silvana Carraro Carneiro, proprietária dos tapetes ITA; José Augusto Leite Medeiros, proprietário dos Cartórios Medeiros de São Paulo, e Maria Lucia Medeiros. Localiza-se no Município de Santa Terezinha, mais próxima de Porto Alegre do Norte.

A Frenova faz parte de um grande grupo de fazendas dos mesmos proprietários e todas localizadas no Município de Santa Terezinha: SAPEBA, CODEBRA, CAMPO VERDE, AGROSSELVA, TAPIRAGUAIA. Além disso o grupo criou um projeto de colonização a cargo da CONFRESA, que vendeu perto de 70 lotes a colonos, na sua maior parte Gauchos, que muito se queixam do empreendimento. Está desenvolvendo também dois projetos de PRO-ALCOOL - destilaria Gameleira e destilaria Rio Sabino-. Na área da destilaria Rio Sabino é que se deram os conflitos que envolveram a Frenova. É bom saber que o único trabalho executado neste projeto Rio Sabino, foi a retirada dos posseiros.

2. OS FATOS PASSADOS.

Os fatos que culminaram com o desaparecimento de José Otacílio Cavalcanti, vulgo "Zé das Cachorras" e com a morte de Airton Pereira Xavier, e com a morte do pistoleiro "Martinzão" tiveram início em Junho, quando as fazendas Piraguassu e Frenova começaram um processo de despejo dos posseiros já denunciado anteriormente.

A partir de 7 de Novembro pp. as fazendas desencadearam um novo processo de limpeza. Para esta ação a Frenova contratou jagunços comandados pelo Sr. José Antônio de Souza, conhecido como "Velho Juca" natural de Uberaba, MG. A Piraguassu também tinha pistoleiros. No Rio Sabino os jagunços fizeram pressão sobre os posseiros, intimidações e ameaças. Ocuparam um barraco dos posseiros como sede de suas operações. Lerrubaram com moto-serra a casa do posseiro Cantidio Lopes. Sequestraram e espancaram o Sr. Ricardo Goulart, professor em Porto Alegre do Norte, desempregado que se encontrava na casa do posseiro Raimundo José Araujo. O mesmo ficou desacordado por causa de uma coronhada que levou na cabeça e precisou levar 8 pontos na orelha.

Os fatos foram denunciados a polícia de Porto Alegre do Norte e ao Delegado Regional de São Félix do Araguaia, Inácio Túlio da Silva, que não tomara nenhuma providência.

O posseiro José Otacilio Cavalcanti, "Zé das Cachorras" que vivia isolado na sua posse, foi visto pela ultima vez no dia 23 de Novembro, quando deixou na casa de um vizinho, mandioca para fazer farinha. Os companheiros, dias depois, começaram a sentir falta dele, mas somente no dia 2 de Dezembro um grupo foi a sua casa; lá encontraram a rede com os punhos cortados, suja de sangue, sangue no mosquiteiro, num saco de linhagem e num pedaço de espuma.

Os chinelos debaixo da rede. No terreiro o facão ao lado de uma poça de sangue. Mas não encontraram o corpo do Sr. José. No dia 5 de Dezembro o Prefeito de Santa Terezinha, acompanhado de moradores de Porto Alegre do Norte, e do Delegado de Polícia, Gilmar Seixo Souza, e outros agentes da polícia civil, estiveram no local e constataram o descrito acima. Durante muitas horas procuraram o corpo, mas as buscas foram infrutíferas.

No dia 27 de Novembro chegou à região o Sr. Airton Pereira Xavier, acompanhado de sua esposa e de uma criança de 9 meses. O Sr. Airton foi procurar serviço e deixou a esposa em Porto Alegre do Norte. Dois dias depois, a esposa, Lúcia Pereira Xavier, estranhando a demora do esposo começou a procurar. No dia 3 de Dezembro foi localizado à margem da estrada que leva à Frenova, morto, de bruços, sem o couro cabeludo, com 3 tiros. Dona Lúcia reconheceu o marido pela roupa que usava. Ela foi acompanhada pelo Delegado Gilmar Seixo Souza, pelo gerente da Frenova, Sebastião Mendes, e por duas mulheres de Porto Alegre. O Delegado disse que nada podia fazer e mandou jogar umas pás de terra sobre o corpo já em avançado estado de decomposição. Fez também a ocorrência desta morte, mas não tomou nenhuma outra providência. No dia 5, o Prefeito de Santa Terezinha, juntamente com vários moradores de Porto Alegre foram ao local e ordenou que o corpo fora enterrado no cemitério de Porto Alegre do Norte.

Por este mesmo tempo surgiram na fazenda Frenova, no povoado de Porto Alegre, conversas de que teriam sido entregues várias orelhas de pessoas na sede da fazenda, cada uma valendo um alto prêmio em dinheiro.

Todos estes fatos foram denunciados ao Delegado Regional de Polícia, Inácio Túlio da Silva e a Delegacia de Porto Alegre. Nenhuma providência foi tomada.

No dia 7 de Dezembro chegou a Canabrava a notícia de que a fazenda Piraguassu iria efetuar o despejo de algumas famílias da área. Um grupo de posseiros se preparava para se defender. Quando estavam reunidos, o pistoleiro Martinzão, da fazenda Piraguassu, chegou carregando o despejo de um posseiro. Ia acompanhado de mais duas pessoas além do motorista. Ao descer do carro caminhou na direção de um grupo de posseiros que conversavam. Desacatou-os. E depois desferiu três tiros. Os posseiros sacaram suas armas e alvejaram o pistoleiro que caiu morto na hora. Os acompanhantes do pistoleiro fugiram e os posseiros agarraram o motorista e o amarraram. Horas mais tarde, o Sr. Lauro, um dos gerentes da Piraguassu, foi ao local e também foi amarrado. Os posseiros, depois de longa discussão, decidiram que só os entregariam às autoridades. No dia seguinte um forte contingente da Polícia Militar, composto de quase 30 homens, comandados pelo capitão Acir, e pelo Delegado Regional Inácio Túlio da Silva, se dirigiram a Canabrava. Desde o entroncamento que leva ao povoado até a sede do mesmo, invadiram casas, espancavam pessoas que encontravam, arrombaram portas e carregaram armas e até roubaram pertences de algumas pessoas. Chegaram ao Patrimônio e com empurrões, pontapés, com as armas obrigaram todas as pessoas que encontravam, homens, mulheres e crianças, a se sentarem no meio da praça. Ali as pessoas foram humilhadas e o Delegado Regional fez um discurso contra o Sindicato e a Prelazia, dizendo aos presentes que era para se afastarem destas organizações. Depois prenderam 9 pessoas que foram levadas para a Delegacia de Porto Alegre do Norte.

No dia seguinte a Advogada do Sindicato procurou a Delegacia para saber sobre os detidos. O Delegado Regional informou que iria mantê-lo presos na Delegacia, e que se entende-se os levaria presos a Barra do Garças e pediria a prisão preventiva dos mesmos. As pessoas que procuravam visitar os presos ou levar-lhes comida não podiam se avistar com eles.

No dia 9, à tarde, começaram a chegar as delegações de toda a região para a grande manifestação do dia 10 em solidariedade aos lavradores perseguidos da região.

A partir da noite do mesmo dia 9 o Delegado começou a liberar os presos. Nesta noite foram soltos dois, e no dia 10 os restantes foram libertados em horas diferentes, sendo o último após a passeata pacífica pelas ruas de Porto Alegre onde o povo clamou contra a violência policial e das fazendas.

No domingo, dia 11, houve manifestação na Canabrava de apoio e solidariedade aos que sofreram a violência policial.

A partir daí, iniciamos nossa atividade de pesquisa.

3. OS ENVOLVIDOS

Procuramos entrar em contato com o maior número possível de pessoas que pudessem nos fornecer alguma informação de valor, tanto em Porto Alegre do Norte como na Confresa (área de colonização que pertencia à Frenova e onde

residia o velho Juca), na área do Rio Sábino e na sede da própria Frenova.

Iniciamos localizando e conversando com Boaventura, conhecido como Ventura, um dos acompanhantes do velho Juca na ação de despejo e derrubada de barracos. Boaventura negou toda e qualquer participação nos acontecimentos, confessando-se posseiro. Exibiu para nos a carteira profissional, assinada pela Frenova, onde consta a atividade de fiscal. Exibiu também um revólver que sempre carrega numa bolsa. Em seguida procuramos vários posseiros do Rio Sábino que confirmaram tudo o que acontecera anteriormente e confirmaram a presença ostensiva do próprio Ventura, acompanhando e participando dos feitos do grupo comandado pelo velho Juca. Inclusive sua participação na derrubada com moto-serra do barraco do Sr. Cantidio Lopes. Os posseiros ainda reconheceram outros participantes dos atos: Severino, conhecido por "Chapeu preto" (em alguns lugares se apresentou como Wilson), Juversino, Expedito Viana, Chiquinho (que trabalhava no setor de cacau da Frenova), Raimundão e seu filho Cícero, Ventura, Raimundão, Cícero e Chiquinho são ou foram moradores de Porto Alegre.

A seguir mantivemos contato com a pessoa que foi contratada pelo velho Juca para trabalhar como cozinheiro. Esta pessoa se mostrava extremamente nervosa. Depois de contratado foi levado para a área do conflito e enquanto cozinhou lhe foi dada uma arma. Disse-nos ele que se apavorou com isso. Aos 4 dias de serviço pediu as contas. O velho Juca não aceitou seu pedido. Então, à noite, fugiu só com a roupa do corpo, deixando todos os seus pertences no barraco. Até seus documentos estão nas mãos do velho Juca. Ao chegar a Confresa, o velho Juca o encontrou e quis que ele voltasse ao trabalho e só não foi carregado violentamente devido à presença de mais pessoas no local. Esta pessoa continuou sua fuga tendo recebido comida e roupas de alguns moradores da região.

4. O CASO DA MORTE DE AILTON PEREIRA XAVIER

A respeito da morte de Ailton Pereira Xavier, foi o seguinte: Ailton chegou à região no dia 27 de novembro à procura de emprego. No dia 28 foi procurar serviço na Fazenda FRENOVA. Como demorasse a voltar, a esposa, dona Lúcia, saiu a sua procura. Segundo ela mesma contou, no Ato Público do dia 10 de dezembro, procurou muito pelo marido. Foi até a casa do Velho Juca e encontrou a mulher dele chorando, suplicando-lhe para que não matasse mais ninguém. Perguntou a muita gente. A um motorista da FRENOVA explicou como seu marido estava trajado. Esse motorista sentia um mau cheiro a certa altura da estrada. Parou e verificou que se tratava da pessoa procurada. Comunicou o fato à Gerência da Fazenda que buscou a Polícia de Porto Alegre do Norte juntamente com dona Lúcia e outras duas mulheres do povoado foram ao local. Dona Lúcia reconheceu o marido pela roupa. Tinha três perfurações a bala e estava sem o couro cabeludo. Sobre este fato, uma pessoa que se encontrava na sede da FRENOVA, surpreendeu um grupo de pistoleiros conversando entre si. Um disse: "Você é fogo, Severino!" O outro respondeu: "Comigo é assim. Cismeí do rapaz e atirei!"

Outro funcionário, no dia em que o corpo foi achado, escutou de Juvencino e Chiquinho, que tinham dado carona ao rapaz e que ele caíra do carro e morrera. Essa conversa foi escutada por várias pessoas.

5. OUTRO CASO

Outro fato que é preciso elucidar melhor se deu nos mesmos dias da morte de Ailton. Um rapaz moreno, cabelos anelados, que vestia camisa amarela, calça marron, calçava botas de cano longo, usava chapéu, foi agarrado violentamente por dois pistoleiros em frente ao Hotel da Confresa. Os pistoleiros interceptaram um carro volswagem, da SEMET - Serviços de Mecanização do Solo Ltda - obrigaram o rapaz a entrar no carro e o motorista a seguir em frente. Mais ou menos uma hora mais tarde, os pistoleiros retornaram e conversavam - "Eu dei um ponta-pé nele que ia longe", - "acho que cortei o braço dele".

O motorista, conhecido como Joãozinho da SEMET, viajou na manhã seguinte sem falar com ninguém. Alguém o sentiu amedrontado.

Os que presenciaram este fato, depois que o cadáver de Ailton foi encontrado, supuseram que rapaz agredido fosse o morto encontrado.

Mas conclu9mos que o rapaz agredido não é o Ailton, pois o agredido estava vestido diferentemente de Ailton. O agredido usava botas. Ailton sandalias havaianas pretas que foram encontradas junto com o cadáver. E ao que tudo indica, Ailton andava no carro do Velho Juca e o outro foi carregado num Volks.

Quem é o agredido e o que foi feito com ele não podemos esclarecer.

6. O DESAPARECIMENTO DE JOSÉ OTACÍLIO CAVALCANTI, "ZÉ DAS CACHORRAS"

Quanto ao desaparecimento do posseiro José Otacílio Cavalcanti, "Zé das Cachorras", tivemos no local, verificamos o total isolamento em que ele vivia. Mas não chegamos a descobrir nenhuma pista que levasse a esclarecer o acontecido ou a localizar o corpo.

Várias pessoas falaram de cilada preparada para apanhar o posseiro, sem no entanto dizerem algo mais concreto. Concordamos com esta versão pelo seguinte:

1. "Zé das Cachorras" era conhecido como pessoa corajosa e destemida;
2. O isolamento de sua posse;
3. Os pistoleiros perguntaram a várias pessoas, inclusive ao sr. Ricardo Goulart, quando foi sequestrado e agredido, se conhecia "Zé das Cachorras";
4. Os punhos cortados da rede e os chinelos debaixo da rede, indicam que ele foi surpreendido deitado.

Alguns posseiros mais próximos tem uma certeza moral de que "Zé das Cachorras" foi levado gravemente ferido para outro local, possivelmente a sede da FRENOVA, por isso a não localização do corpo. Alguns, inclusive suspeitam que tenha sido carregado numa Rural, carro de aluguel de um morador da CONFRESA, que frequentemente fazia corridas para os pistoleiros.

7. AS ORELHAS

Pudemos apurar também que os pistoleiros Severino, Luís e Expedito ficaram hospedados vários dias num hotel da Confresa por conta do Velho Juca.

Quanto ao boato surgido de que os pistoleiros cortavam as orelhas das vítimas e de essas tinham sido entregues no escritório da Frenova ao Velho Juca, concluímos o seguinte: realmente o fato aconteceu. Porque, 1. Algumas pessoas viram os pistoleiros entregarem um volume envolto em folhas de bananeira brava ao sr. Juca, dizendo ser orelhas, exigindo pagamento e avião para sair. 2. O cadáver de Ailton estava sem orelhas. 3. Um funcionário da Fazenda, quando a notícia se espalhou, foi ao escritório com o objetivo de ver as orelhas, e dando a desculpa de precisar de dinheiro. Foi impedido de entrar.

Quanto ao numero de orelhas, não conseguimos precisar melhor. Mas um alto funcionário do Grupo Frenova, na região, sr. Hélio disse ter escutado falar em três. O sr. Hélio deve ser bem informado e o numero corresponde aos casos aqui descritos.

8. NO ESCRITÓRIO DA FRENOVA

Para elucidar melhor os casos, tivemos duas vezes no Escritório da Frenova, conversando com o gerente Sebastião Mendes. O dr. Vicente, encarregado maior da Fazenda, tinha viajado.

O sr. Sebastião nos recebeu bem, um tanto nervoso. Na ida para lá, soubemos que o pistoleiro Ventura lá estivera na segunda feira, dia 12, avisando que a advogada e o padre iriam acompanhados de 80 a 100 posseiros para fazer uma quebradeira na fazenda. Esta noticia deixou muito amedrontados os funcionarios, porque naquela noite do dia 12, praticamente todos saíram da sede, antecipando uma festa de amigo secreto que se realizaria na quarta feira, para que a nossa chegada com os posseiros não houvesse ninguém lá. O sr. Sebastião ficou surpreso ao nos ver sozinhos.

No escritório conseguimos apurar: 1. Que as atividades da Frenova têm 3 administrações diferentes, quase independentes, com gerentes diferentes: setor da Destilaria Gameleira, setor da fazenda de gado, e o setor da Destilaria Rio Sabino. O gerente deste último setor é José Antônio de Sousa, o "velho Juca". Os 3 setores têm as atividades centralizadas no Escritório Central da Frenova, mas, segundo o sr. Sebastião, cada um teria ligação direta com a diretoria de S. Paulo. O sr. Sebastião também disse que não concorda com o método violento empregado. 2. O Velho Juca dirigia algumas empreitas, como construção de pontes, abertura de picadas, projeto de cacau, atividades na Confresa e sobretudo a responsabilidade pela limpeza da área, de posseiros, da futura destilaria Rio Sabino. 3. A maior parte dos "funcionários" do sr. Juca, foram trazidos de Uberaba, M.G. e são fichados com diversas profissões: pedreiro, carpinteiro, tratorista, motorista, etc. Constatamos que alguns dos nomes falados pelos posseiros coincidem com as fichas existentes no escritório. 4. Todos os "funcionários" do Velho Juca haviam se desligado do serviço poucos dias antes e viajado para Uberaba. Segundo o sr. Sebastião, o Velho Juca deverá voltar logo após o Natal, pois deixou muitas pendências. 5. Quanto aos documentos da área onde se localiza o projeto da Destilaria Rio Sabino, o sr. Sebastião desconhece. Quem responde por essa parte é o sr. José Augusto Medeiros. 6. Quanto ao fato da entrega das orelhas no escritório, o sr. Sebastião negou. É claro que para nós iria negar.

Deste apanhado concluímos que o velho Juca para limpar a área de posseiros, reunia todos, ou quase todos os "funcionários" a seu serviço, pois eram muitos os que participavam das ações e em algumas delas foram reconhecidas pessoas que eram fiscais, como o sr. Ventura, ou que trabalhavam em empreitas de picadas, como o sr. Raimundão e seu filho Cícero, ou que trabalhavam no setor do cacau, como Chiquinho, ou que trabalhavam nas empreitas de pontes e outros serviços, como Juvercino, Expedito e outros.

9. A FUGA DOS PISTOLEIROS

Os fatos narrados aconteceram entre os dias 23 e 28 de novembro, Dia 28 foi o início da fuga dos pistoleiros.

Nesse dia, depois de discussão com o Velho Juca, os pistoleiros foram apanhar o avião na pista da Confresa. Como estivesse parada perto da pista uma C-10 branca, o piloto ficou com medo de levantar voo com eles. Voou sozinho para a Frenova e lá embarcou com o sr. Juca e com outros 2 pistoleiros. O gerente chamou a atenção do piloto, pois não queria envolver a Frenova no caso. O Velho Juca voltou no mesmo avião. A partir de então, todos os "funcionários" do Velho Juca foram saindo.

Na noite do dia 9 para o dia 10 de dezembro, o Velho Juca também fugiu com sua mulher e filhos. Voou para São Felix e de lá para Goiânia.

A um morador da Confresa, o Velho Juca falou que o Delegado de Polícia o avisava para sair, pois os posseiros estavam muito revoltados.

10. A ATUAÇÃO DA POLÍCIA

Desde o início dos acontecimentos, quando os posseiros sofreram as primeiras pressões, a polícia, inclusive o Delegado Regional, foi informada e solicitada a intervir. A todas as solicitações, respondiam que não era de sua competência entrar em questões de terra ou diziam que não tinham homens suficientes ou recursos necessários. No caso do cadáver de Ailton, limitaram-se a registrar a ocorrência. E a advogada do Sindicato, o Delegado Regional afirmou não haver elementos suficientes para justificar uma intervenção no caso do desaparecimento de José Otacílio Cavalcanti, "Ze das Cachorras". O Velho Juca é avisado da revolta dos posseiros pelo Delegado. Em contrapartida, quando o pistoleiro Martinzão foi morto, 30 policiais se deslocaram para punir os posseiros.

Mas concluímos que o 6.º pai do estava vestido diferentemente de Ailton. O segundo usava roupas simples, botas pretas que foram encontradas junto com o cadáver. Ao que tudo indica, Ailton andava no carro do Velho Juca e o outro foi carregado num Volks.

A partir de junho, quando começou esta última fase das ações das fazendas contra os posseiros - queima de casas, despejos, etc - denúncias foram feitas a todos os órgãos competentes do governo, tanto estadual quanto federal, e as mesmas foram encaminhadas a deputados estaduais, federais, senadores.

Quando ao desaparecimento do posseiro José Otacílio Cavalcanti. No dia 3 de outubro, uma comitiva integrada pelo secretário de Assuntos Fundiários, Nelson Reu, pelo secretário da Indústria e Comércio, Ricardo Correia e pelo deputado estadual Kazuho Sano estiveram em Porto Alegre do Norte. Na reunião que fizeram, o secretário de Assuntos Fundiários disse que a área em litígio, no Rio Sabino, estava sendo anexada ao grupo da Frenova, em compensação pela área perdida para os índios Tapirape na fazenda Tapiraguaia. Mas os posseiros podiam ficar a trabalhar. Os ocupantes novos, porém, não teriam direito. Nenhuma providência concreta foi adotada.

Acontece que a Piraguassu, e sobretudo o grupo Frenova, tem íntima relação com o governo do Estado do Mato Grosso. Para se ter uma ideia disso, o anterior governador, Frederico Campos, ao visitar a região se hospedou na fazenda SAPEVA e durante a campanha eleitoral de Julio Campos, o mesmo se hospedou na Tapiraguaia, fazendas do grupo e não na cidade.

Confirmando esta íntima relação das fazendas com o governo do Estado, no dia 23 de novembro, em Cuiabá, realizou-se uma reunião da qual participaram diretores da Frenova, da Piraguassu e membros do governo do estado.

Nesta reunião decidiu-se limpar a área de posseiros. Esta informação foi prestada pelo sr. Lauro, administrador da Piraguassu, ao secretário da Delegacia Sindical da Canabrava, quando estava amarrado.

O sr. Lauro, depois de ter sido solto, foi visto em Porto Alegre do Norte, fardado.

A omissão total da Polícia nos casos que envolveram posseiros como vítimas, confirmam essa estreita ligação fazendas-governo, e se corrobora na intervenção imediata, quando a agredida foi a fazenda.

O deputado estadual Roberto Cruz, do PDS, ao receber notícia dos fatos ocorridos e solicitando-se a ele uma solução, deu que a solução para todos esses casos é acabar com o bispo Pedro Casaldaliga.

12: CONCLUSÕES

Em todo nosso trabalho verificamos que apesar dos pistoleiros terem se afastado da região, a situação é de tensão. As famílias se sentem inseguras, inclusive quem não está envolvido diretamente no conflito, como é o caso dos colonos gaúchos da Confresa.

Muitas pessoas temem sair sozinhas ou dormir sós em suas casas.

Constatamos também que não há o mínimo de interesse das autoridades em desvendar os fatos, pois há provas massivas do terrorismo desencadeado e não seria difícil localizar os culpados.

Os principais responsáveis, no caso da Frenova, são os membros da Diretoria composta pelo sr. José Carlos Pires Carneiro, Silvana Carraro Carneiro, José Augusto Leite Madeiros e Maria Lídia Madeiros, pois o Velho Juca estava a serviço delas e diretamente ligados a elas.

Os funcionários graduados das Fazendas do grupo estavam ao par dos acontecimentos e das mortes, porque mesmo antes destas mortes terem se tornado de conhecimento público, o gerente reclamou do piloto por decolar da sede da Fazenda com os pistoleiros, pois isto envolveria a fazenda.

O governo do Estado deu total cobertura às Fazendas envolvidas, isto comprovado pela reunião realizada em Curitiba no dia 23 de novembro, e pela completa omissão da polícia quando os posseiros eram vítimas e pela rápida ação da mesma quando um pistoleiro foi morto.

Achamos que Governo e Fazendas tentarão se limpar diante da opinião pública e jogarão toda a responsabilidade sobre o Velho Juca e os delegados da polícia de Porto Alegre do Norte e o Delegado Regional da Polícia. (Ao momento que encerramos este relatório, chegaram-nos notícias de que os delegados foram ~~castigados~~.) Os reais responsáveis, porém, não serão atingidos.

Toda esta questão não é somente uma questão legal, mas sobretudo humana, social e política. Levar o problema somente a nível legal será simplificar a questão, que é mais profunda e se enquadra dentro de toda política fundiária do país que é uma política ineficaz e imoral pois acoberta os grandes grupos econômicos nacionais e estrangeiros em detrimento da real necessidade do lavrador e do povo brasileiro.

Terminamos o presente relatório sem muita esperança de que as autoridades tomem medidas eficazes e em profundidade, mas com muita esperança na força da organização popular que um dia vai transformar esta maldição do latifúndio em benção de fartura e fraternidade. O Natal que celebramos esta noite nos conchama a reconhecer que a força de Deus se manifesta na fraqueza do homem, na fraqueza de uma criança que nasceu numa estrebaria e que lançou as sementes de uma sociedade nova.

Porto Alegre do Norte, 24 de dezembro de 1983,

M. Moraes

Maria José Sousa Moraes
Assessora Jurídica dos Sindicatos
de Luciara, São Felix, Ribeirão/
Cascaheira.



Pe. Antônio Camato
Vigário Geral
da Prelazia de São Felix do Aragua

AI DE TI, FRENOVA, AI DE TI, PIRAGUASSU!

A todo o povo da Prelazia de São Félix do Araguaia e a quantos nos acompanham na caminhada da Libertação,

a Paz de Deus, nossa Pai e a força do Evangelho de Jesus Cristo.

Todos vocês são conhecedores dos fatos ultimamente acontecidos em PORTO ALEGRE e CANABRAVA, por causa da fazenda FRENOVA (do Cartório Medeiros de São Paulo e de Tapetes Ita) e da fazenda PIRAGUASSU (dos mesmos grupos e da multinacional Yanmar do Brasil, implementos agrícolas). Nosso "Alvorada" de dezembro publicou, em parte, esses acontecimentos. E em breve vai aparecer um relatório completo de todos eles.

Esses acontecidos encheram a medida das injustiças que vêm cometendo contra o povo as fazendas FRENOVA E PIRAGUASSU depois que em 1971 se instalaram na área do povoado de Porto Alegre, fundado em 1949. São treze anos de arbitrariedades e perseguição, largamente documentados: grilagem, cercando até a rua e o rio; invasão de domicílios, derrubada de moradias, despejos, espancamentos, prisões, mortes; pistoleiros contratados; polícia, políticos e Incra, comprados...

Nestas últimas semanas acrescentou-se a tudo isso a atuação de mais de 30 pistoleiros, comandados pelo famoso "velho Juca", com os assassinatos de José Otacílio Cavalcante e de Ailton Pereira Xavier; a notícia, muito fundada, de várias orelhas humanas entregues pelos mesmos pistoleiros, como prova de outros tantos homicídios a prêmio; ameaça de morte repetida, contra lavradores sindicalizados e agentes de pastoral; a brutal intervenção de 30 policiais da PM, a mando do delegado regional Inácio Túlio de Oliveira e do tenente Acir, que espancaram mais de 100 lavradores - também mulheres e crianças - em Canabrava e no entroncamento, depredaram, prenderam nove posseiros e pretendaram intimidar o povo proibindo-o de participar da comunidade da Igreja e do Sindicato.

Ao longo desses treze anos e nestas últimas semanas também, a população, a Prelazia e o Sindicato, uma vez fundado, nunca deixaram de denunciar os acontecimentos à opinião pública nem de comunicá-los às autoridades competentes, pedindo sua intervenção. Infelizmente essa intervenção ou não se deu, ou se deu ineficazmente, ou se deu em favor das fazendas.

Ainda nesse mês de novembro, o Incra e o Governo do Estado entraram num acordo com as mesmas, para "limpar" de posseiros a área, em benefício dos projetos agropecuários e do Pro-álcool.

"Vossos projetos não são os meus projetos", diz o Senhor, certamente. Muitas lágrimas e sangue, vêm destilando as destilarias do pro-álcool neste país. A iniquidade de tantas fazendas e empresas, que invadem a terra do Brasil, acobertadas e financiadas pela política oficial, clama a Deus.

"Ai daqueles que juntam para si campos e mais campos. Querem ser donos de tudo e não deixam nada para os outros?" (Is 5, 8). Neste Brasil do latifúndio, do desemprego e da fome, o capítulo 24 do livro de Jó torna-se de pungente atualidade: "Os maus mudam as divisas das terras e na terra colocam a gado que eles roubaram... Expulsam os pobres dos caminhos e todo os necessitados têm de desaparecer. Os pobres não têm o que vestir nem o que comer".

Tocados pelo sofrimento dos irmãos de Porto Alegre e Canabrava, muitos companheiros dos patrimônios e cidades da Prelazia nos unimos a eles, nos dias 10 e 11 deste mês de dezembro, para exprimir nosso protesto e solidariedade e para juntos celebrarmos nossa esperança.

Dia 10, no cemitério de Porto Alegre, plantamos a Cruz, ouvimos a Palavra e invocamos a aquele Pai verdadeiro, como Jesus nos ensinou.

Solenemente, à luz do sol e da história, diante das covas recentes, testemunhas de tanta dor e iniquidade, em nome do Deus dos pobres, Libertador dos oprimidos e único senhor da terra, amaldiçoamos as fazendas FRENOVA e FIRAGUASSU: sua ganância, sua prepotência, sua desumanidade.

Em consequência, dentro da jurisdição eclesiástica da Prelazia de São Félix do Araguaia, nenhum dos donos ou dos funcionários maiores das ditas fazendas FRENOVA e FIRAGUASSU poderá ser padrinho de Batismo ou de Crisma, nem testemunha de Casamento religioso, nem noitário de festejo, nem exercer outra qualquer função eclesial pública.

Conclamamos também a todos os trabalhadores conscientes a se negarem a prestar serviços nessas fazendas amaldiçoadas.

Para sermos consequentes com a prática de nosso Mestre e Senhor, os seguidores de Jesus devemos saber unir à oração da nossa fé e ao canto de nossa esperança o grito profético de nossa indignação.

A celebração terminou radiante de esperança. Sempre é Advento e sempre se aproxima o Nosso Salvador. Apesar de todo pecado e de toda injustiça, o Natal acontece para os que sabem lutar e esperar, fraternos, humildes, livres. O Deus da Vida sempre vence a morte.

"Vejam estes ossos secos... Eu, Javé, vou abrir os túmulos de vocês. Vou fazer o meu povo sair debaixo da terra e darei novamente a eles terra em Israel. E todos saberão então que eu sou o Deus de vocês" (Ez 37,11-14).

Nesta certeza, que o Espírito de Jesus garante para nós, abraça a todos, com muita amizade, seu irmão e companheiro,

o bispo de São Félix do Araguaia
Pedro Casaldáliga

São Félix do Araguaia - MT
Natal de 1983

DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF
DEPARTAMENTO DE DEMARCAÇÃO - DEM

MEMORIAL DESCRITIVO DE DELIMITAÇÃO

DENOMINAÇÃO
ÁREA INDÍGENA URUBU BRANCO

ALDEIAS INTEGRANTES

GRUPOS INDÍGENAS
TAPIRAPÉ

LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIOS: SANTA TEREZINHA, CONFRESA, PORTO ALEGRE DO NORTE

ESTADO : MATO GROSSO

UNIDADE REGIONAL DA FUNAI: ADR ARAGUAIÁ

COORDENADAS DOS EXTREMOS

EXTREMOS	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE	-10°26'24" S	51°22'45" Wgr
LESTE	-10°53'04" S	51°05'56" Wgr
SUL	-11°00'59" S	51°19'13" Wgr
OESTE	-10°57'14" S	51°22'57" Wgr

BASE CARTOGRÁFICA

NOMENCLATURA	ESCALA	ORGÃO
MIR 302-322	1:250.000	FIBGE
ÁREA:	157.000 HA (CENTO E CINQUENTA E SETE MIL HECTARES APROXIMADAMENTE)	
PERIMETRO:	178 KM APROXIMADAMENTE	

ds

DESCRIÇÃO DO PERIMETRO

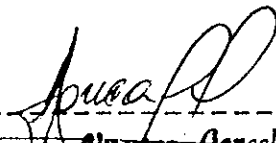
NORTE : Partindo do ponto 01 de coordenadas geográficas aproximadas $10^{\circ}26'24''$ S e $51^{\circ}22'45''$ Wgr localizado nos limites das terras da destilaria *GAMELEIRA*, segue por uma linha reta com azimute e distância aproximados de $95^{\circ}26'25''$ e 29.500,00 metros, até o ponto 02 de coordenadas geográficas aproximadas $10^{\circ}27'56''$ S e $51^{\circ}06'38''$ Wgr;

LESTE: do ponto 02, segue por uma linha reta com azimute e distância aproximados de $78^{\circ}23'30''$ e 46.300,00 metros, divisando com quem de direito e *FAZENDA TAPIRAPÉ*, até o ponto 03 de coordenadas geográficas aproximadas $10^{\circ}53'04''$ S e $51^{\circ}05'56''$ Wgr, localizado na margem esquerda do rio *Tapirapé*;

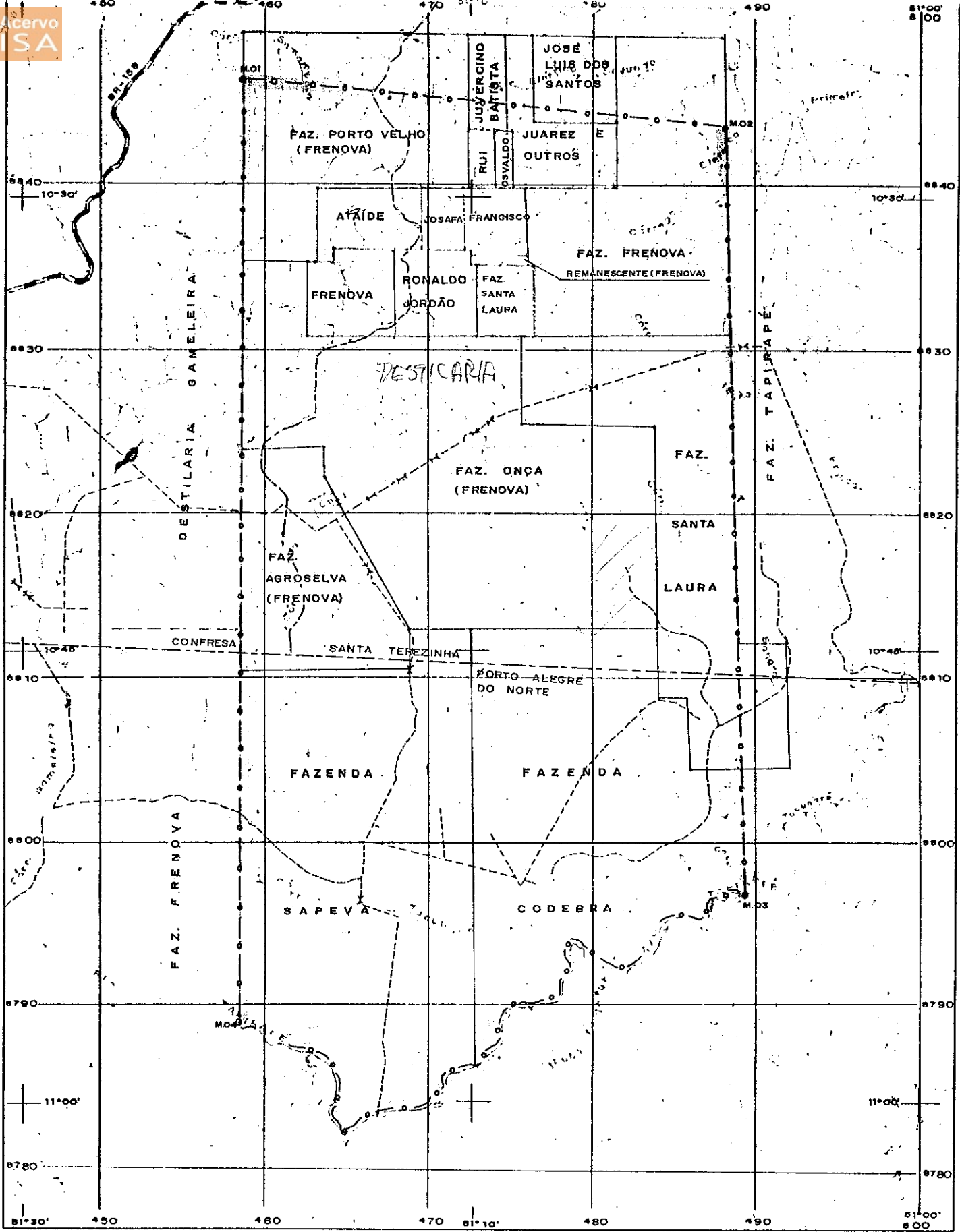
SUL: do ponto 03, segue pelo rio *Tapirapé*, a montante, até o ponto 04 de coordenadas geográficas aproximadas de $10^{\circ}57'14''$ S e $51^{\circ}25'57''$ Wgr, localizado na margem esquerda do rio *Tapirapé*;

OESTE: do ponto 04, localizado na margem esquerda do rio *Tapirapé*, segue por uma linha reta com azimute e distância aproximados de $00^{\circ}18'09''$ e 56.800,00 metros, divisando com terras do grupo *FRENOVA* e destilaria *GAMELEIRA*, até o ponto 01, início deste descritivo.

Cuiabá, 20 de Janeiro de 1994




Antonio Vilas Boas
Téc. Agrôn. QREA-99/TD/90
Voto N.º 889/MT



SINAIS CONVENCIONAIS

- ÁREA INDÍGENA DELIMITADA
- ALDEIA INDÍGENA
- CURSO D'ÁGUA PERMANENTE
- - - ESTRADA
- ▬▬▬ RODOVIA



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO-FUNAI
Divisão Fundiária - DFU

DENOMINAÇÃO ÁREA INDÍGENA URUBU BRANCO		PLANTA DE: SITUAÇÃO FUNDIÁRIA	
MUNICÍPIO: SANTA TEREZINHA, CONFRESA E PORTO ALEGRE DO NORTE		ÁREA: 157.000 Ha	PERÍMETRO: 176 Km
UF: MATO GROSSO		ESCALA: 1/250.000	DATA: DEZ/93
		PROCESSO Nº	BASE CARTOGRÁFICA MIR 300 e 370

